

O Sonho

de

Solange

Rokeya Sakhawat



O Sonho de Solange

Rokeya Sakhawat

Tradução

Alberto Holanda Pimentel Neto
Daniel Viana Rodrigues de Sousa
Emilyn Roque Araújo
José Victor Silva de Brito
Thais YumiHorikawa Chaves

Arte da capa

José Victor Silva Barreto

Revisão

Daniel Antonio De Sousa Alves

João Pessoa – PB

Abril de 2019

PREFÁCIO

Sultana's Dream, foi escrito pela indiana, Rokeya Sakhawat Hoossain e foi originalmente publicado na Revista *The Indian Ladies Magazine*, em Mandra, no ano de 1905. Apesar de o título fazer uma possível referência a uma proposta positiva (a palavra sonho contida no título), a história pode ser classificada como uma distopia, gênero onde, geralmente, uma sociedade é narrada como sendo totalitária, injusta e disfuncional. Mas esta própria classificação de distopia pode ser relativa, pois, de acordo com Berriel (2005) “É preciso considerar a relatividade daquilo a que se referia Margareth Mead, quando avisava ser o sonho de um o pesadelo do outro [...] este sonho é o que gera o pesadelo da distopia.”, logo, não podemos afirmar que, para a autora, o texto era considerada uma distopia e não uma utopia.

A narrativa é cronológica com *flashbacks* (retomadas de uma história ou fato anterior) e possui um enredo não convencional. A história é narrada em primeira pessoa da perspectiva da personagem Sultana, e o enredo expositivo acompanha a trajetória da personagem na sua descoberta deste “novo mundo”, onde as mulheres dominam os homens e vivem em um sistema matriarcal. Ela acompanha sua amiga Sara que vai relatando e explicando todas as diferenças e inovações que existem neste mundo e também, como as mulheres conseguiram esta inversão de papéis sociais e culturais.

No texto fonte, a ambientação se passa em dois “universos” diferentes, o primeiro representa a realidade da Índia do começo do século XX, onde o machismo e a religião eram predominantes, já o segundo é o universo distópico que se passa em *Ladyland*, uma cidade ficcional, localizada na Índia em uma sociedade matriarcal e “femista” (termo não dicionarizado para se referir a um sistema social em que as mulheres têm um papel opressor em relação aos homens). Porém, fizemos algumas escolhas de mudança de ambientação para que o objetivo do nosso projeto tradutório domesticador fosse alcançado.

O conto possui duas personagens principais: Sultana e Sara. As duas são apresentadas através do método *Showing*, ou seja, as características das personagens não são ditas pelo narrador, mas os leitores devem interpretá-las a partir das suas ações ao longo do texto. Sultana é uma mulher indiana que vivia na Índia, no começo do século XX, a personagem seguia a prática *Purdah*, e, por isso, era submetida a todas as suas tradições, regras e normas. Sara é a personagem que apresenta o “novo mundo” à Sultana, por isso ela está presente durante toda a narrativa. A Rainha é um personagem

que aparece em duas partes do texto, uma parte durante um *flashback*, e a outra, mais curta, ao final do conto, mas, apesar de aparecer pouco, ela é uma personagem importante para o desenvolvimento da história. Os próprios homens podem ser considerados personagens, mas eles são visto como um grupo (*stock characters*), primeiro como o grupo dominante e perigoso, e, em segundo lugar, como dominados e submissos.

A história se passa no começo do século XX, provavelmente, perto do ano da primeira publicação, na Índia. Se trata de uma distopia que discute os papéis de gênero de sociedades patriarcais, marcadas pelo machismo e como a situação poderia ser reversa. O conto é expositivo, logo, não possui muitos acontecimentos marcantes, e é uma narrativa que visa apresentar o funcionamento daquela sociedade e cultura, bem como sobre sua história. Talvez, o acontecimento mais marcante da história, seja o *flashback*, narrado pelo personagem Sara, sobre como as mulheres conseguiram dominar os homens; este trecho em específico pode ser tratado como um segundo enredo, com sua própria estrutura.

A intenção do grupo era trabalhar com distopias. Tivemos o cuidado de pesquisar um texto que estivesse em domínio público no objetivo de publicar a tradução do mesmo. O conto *Sultana's Dream* chamou a atenção da turma em geral, por se encaixar no tema escolhido e por apresentar aspectos sociais e culturais que seriam interessantes refletir durante o processo tradutório.

A proposta da nossa tradução foi de domesticar o texto fonte, seguindo o estudo proposto por Venuti (1995), portanto, tentamos fazer uma tradução que não pareça ser uma tradução, mas sim um texto produzido e publicado originalmente no Brasil. Como ressaltam Sousa e Gomes (2018):

Por outro lado, a domesticação é uma estratégia tradutória que torna o texto mais próximo da cultura de chegada, o que resulta em uma aparente maior naturalidade do texto para leitores/expectadores que têm contato diretamente com o texto traduzido, sem a mediação do original, já que aquele é construído para passar a impressão de ter sido feito inicialmente no contexto de chegada. Essa estratégia está relacionada ao que Venuti (1995) chama de “invisibilidade do tradutor”, um fenômeno no qual os tradutores ocultam sua presença ao fazerem com que o texto traduzido pareça ser uma obra original, sem marcas explícitas de outras culturas ou contextos. Nos Estudos Literários, essa estratégia tradutória ficou comumente conhecida como “adaptação”, porque, quando o texto traduzido é comparado ao texto original, é possível perceber claramente as diferenças entre os dois, embora eles continuem mantendo diversas similaridades. (SOUSA e GOMES, 2018).

Nossa proposta de tradução também levou em consideração o público alvo pretendido como os brasileiros no geral, e, também, nosso objetivo, que era apresentar

os aspectos culturais de um Sertão Nordestino ficcional. Portanto, procuramos adaptar a tradução para que a história se passasse no sertão da Paraíba, sem ser em um período específico e que as questões fossem discutidas sob a ótica da situação e do contexto das mulheres, do estilo de vida, linguajar, modo de se expressar, e até do machismo deste sertão. É importante ressaltar que, por mais que as mulheres indianas e paraibanas sofressem/sofram com o machismo, este não funciona da mesma maneira nas duas culturas (pelo menos no contexto deste conto), logo, tivemos que realizar várias adaptações ao longo do texto, principalmente quando questões sobre a prática do Purdah eram abordadas.

Tentamos, também, representar o “modo nordestino” de falar, buscamos por termos específicos do nordeste e optamos por manter a escrita mais próxima da oralidade. Para que não comprometesse a estrutura estética do texto, decidimos não deixar em itálico as palavras e as expressões que não estão no padrão da língua Portuguesa. A representação da oralidade na literatura brasileira ainda é pouco visada e discutida, mas de acordo com Paganine e Fonseca (2015): “Os traços tipicamente regionais se manifestam com mais nitidez na fala mais informal, que é a mesma que permite o uso das variedades não padrão”. Também nos inspiramos na liberdade presente na escrita contemporânea do autor Daniel Galera em seu livro *Barba ensopada de sangue*, publicado em 2012 pela editora Companhia das Letras. Neste livro, Galera, usa várias representações da oralidade do povo brasileiro, principalmente do povo gaúcho e catarinense, em seu texto; a escrita é contemporânea e procura fugir dos padrões seguidos na literatura brasileira.

Isto posto, quando transferimos a ambientação para o sertão paraibano; muitos conceitos, situações, frases, vocábulos, etc., passaram por adaptações para que pudessem se encaixarem no contexto do sertão paraibano. Várias alterações quanto ao vocabulário foram alteradas, colocamos gírias e coloquialismos que julgamos pertencer ao dia a dia paraibano as quais pesquisamos em dicionários nordestinos online (*Glossário do Sertão Nordestino, Dicionário do Sertão, Dicionário Nordestinês*) e também em discussões com pessoas paraibanas. Um exemplo de domesticação é o próprio título, pois, Sultana é um nome que foge completamente à realidade do sertão, optamos pelo nome Solange, por ser um nome típico e bastante comum na cultura alvo. Levando em conta essa escolha, de alterar o nome de uma das personagens para um mais usual no sertão, seguimos a lógica para o nome da personagem Sara, o qual alteramos para Severina, pois, percebemos que é um nome mais comum no Nordeste,

principalmente no Sertão. O nome Sara, apesar de ser usado no Brasil, e até na capital da Paraíba, é menos associável ao nordeste brasileiro, por isto optamos pelo nome Severina. Outro exemplo com nome e topônimos é *Ladyland*, a cidade onde se passa a história, decidimos traduzi-la como “Maria Bonita”, pois estávamos procurando colocar algum nome que representasse o empoderamento feminino, e, conforme discutido com os demais, concordamos que a tradução literal, neste caso, soaria estranho. Procuramos nomes de mulheres famosas e célebres, e achamos interessante o nome de Maria Bonita, já que a nossa tradução se passa no nordeste brasileiro.

A história faz referência à uma cidade específica da Índia (*Darjeeling*), por se tratar de uma tradução domesticadora, resolvemos escolher uma cidade da Paraíba. Escolhemos a cidade de Campina Grande por ser uma cidade próxima do sertão paraibano e por ter um parque (Parque da Criança) que lembra um jardim, já que não encontramos informações que confirmasse a existência de alguma cidade do sertão paraibano com Jardim Botânico

Logo no começo da história, tivemos que realizar várias escolhas para que nosso objetivo fosse cumprido, conforme os exemplos abaixo:

Tabela 1 - Comparação de termos do texto fonte e da tradução do conto *Sultana'sdream*

Texto-fonte	Tradução
<i>easychair</i>	“rede”
<i>Thinkinglazily</i>	“matutando”
<i>I dozed</i>	“pregar os zóio”
<i>Joking</i>	“mangando”
<i>Oh!</i>	“Oxe”

Um dos obstáculos que encontramos foi que, no texto fonte, Sultana diz *I sawthemoonlitskysparklingwiththousandsofdiamond-like stars*, ou seja, que estava à noite, mas, mais adiante, o texto trata sobre a questão da mulher sair à noite: *I lookedagainatthemoon [...], andthoughttherewas no harm in going out atthat time*. Concluímos então, que na Índia seria menos perigoso e até mesmo prudente para uma mulher sair à noite, isto está diretamente ligado aos costumes do *Purdah*,

especificamente à proibição de mulheres serem vistas por homens que não sejam seus parentes diretos, logo, a personagem, pode sair de sua casa à noite porque os homens não a veriam enquanto estava sem véu. Já no Brasil, a noite é considerada perigosa para as mulheres saírem. As traduções destas frases ficaram, respectivamente: “Eu vi o céu alaranjado, misturado com tons de rosa e vermelho, alumado pelo Sol, que tava quase se pondo” e “Brechei o Sol pela janela outra vez e como ainda tava claro, achei que não tinha perigo sair uma hora dessa.”. O motivo pelo qual traduzimos a hora do dia para o pôr do sol é que, em um trecho posterior, o horário do dia muda subitamente para a manhã, como podemos observar: *When walking I found to my surprisethat it was a fine morning*, traduzimos este trecho para: “Enquanto tavamos caminhando, notei, para meu espanto, que ainda tava de manhã”.

Outros trechos que tivemos um pouco de dificuldade de domesticar foram os que faziam referência direta a prática *Purdah*, adaptamos muitas destas tradições fazendo referência ao trabalho doméstico e ao ser dona de casa. Também adaptamos o sistema *Zenana* (prática do *Purdah*, consiste em uma seção separada da casa exclusiva para as mulheres ficarem para que não se misturem com os homens) para “ficar dentro de casa”, como exemplificado a seguir:

Tabela 2 – Comparação de termos do texto fonte e da tradução do conto *Sultana's dream*

Texto-fonte	Tradução
'as being a purdahnishin woman I am not accustomed to walking about unveiled.'	Sou dona de casa, não tô acostumada a ficar batendo perna por aí.
'We shut our men indoors.' 'Just as we are kept in the zenana?'	Nós deixamos os homens dentro de casa. — Que nem as mulheres ficam?

Criamos neologismos para ir de acordo com as expressões que o texto fonte apresenta para fazer referência à relação de gênero, como por exemplo, para o termo “*mannish*” criamos a palavra “*acabranhada*” que é a junção da palavra *cabra* (expressão nordestina para se referir à homem) com a palavra *acanhada* (expressão nordestina que significa timidez). Na narrativa, o termo *mannish* é ressignificado para caracterizar os homens, mas não como corajosos, másculos e viris, mas sim como

tímidos e envergonhados, então, decidimos passar esse mesmo efeito em português. Com a opção para esse termo buscamos seguir a mesma lógica expressa no texto-fonte, conforme ilustra o exemplo abaixo:

Tabela 3– Comparação de termos do texto fonte e da tradução do conto Sultana'sdream

Texto-fonte	Tradução
<p><i>The women say that you look very mannish.'</i> <i>'Mannish?'</i> said I, <i>'What do they mean by that?'</i> <i>'They mean that you are shy and timid like men.'</i></p>	<p>— Que tu parece “acabranhada”. — “Acabranhada”? O que é isso? — Significa que tu é acanhada que nem um cabra</p>

O outro neologismo que criamos foi “*cabraméstico*” para “*mardana*”, por ser uma palavra diretamente ligada ao sistema de *zenana*, optamos por fazer a junção de cabra (expressão nordestina) com doméstico, conforme o exemplo abaixo:

Tabela 4– Comparação de termos do texto fonte e da tradução do conto Sultana'sdream

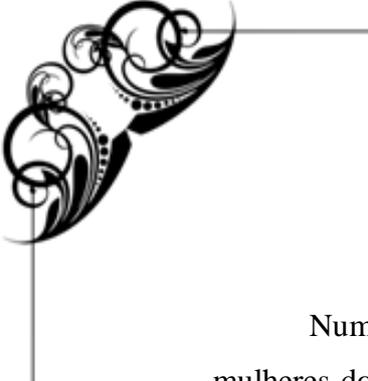
Texto Fonte	Tradução
<p><i>Now that they are accustomed to the purdah system and have ceased to grumble at their seclusion, we call the system "Mardana" instead of "zenana".'</i></p>	<p>Mas, agora que tavam tão acostumados ao sistema doméstico e deixaram de reclamar de sua reclusão, chamamos o sistema de "Cabraméstico" em vez de "Doméstico".</p>

Optamos por domesticar o trecho *wewalkhand in hand* para *caminhar de braços dados*, pois é estranho para a nossa cultura as pessoas andarem de mãos dadas sem estarem relacionadas romanticamente. Também adaptamos os animais citados no texto fonte para animais comuns no sertão da Paraíba, como por exemplo: *'A lionisstrongerthan a man, but it does notenablehimtodominatethehumanrace* por “Um boi é mais forte que um homem, mas isso não a faz dominar a raça humana.”

A tradução domesticadora do conto *Sultana'sdream* foi um processo que apresentou diversos desafios, no entanto nos proporcionou interessantes reflexões sobre

estratégias domesticadoras. Houve trechos que necessitaram de discussões mais aprofundadas, já que eram aspectos fortemente culturais.

Após estas discussões e justificativas do nosso projeto tradutório e de nossas escolhas, desejamos uma boa leitura e esperamos que nossa tradução tenha cumprido seu objetivo e função enquanto tradução domesticadora.



O Sonho de Solange

O Sonho de Solange

Numa tardezinha, eu tavadeitada na rede, matutando por acaso na condição das mulheres do sertão. Não tenho certeza se eu preguei os zóio ou não. Mas, me alembro de tá bem desperta. Eu vi o céu alaranjado alumiado pelo Sol, que tava quase se pondo.

Do nada, apareceu uma mulher por diante de mim. Como danado ela chegou, não faço ideia. Achei que era irmã Severina, uma amiga minha.

— Bom dia! — Disse irmã Severina. Achei graça porque não era mais manhã, já tavade tarde. De todo jeito, eu respondi:

— Como tu tá, mulher?

— Tô bem, graças a Deus.

— Tu não quer sair e visitar nosso sítio?

Brechei o Sol pela janela outra vez. Como ainda tavaclaro, achei que não tinha perigo sair uma hora dessa. Os criados já deviam ter ido pra suas casas; assim, eu tinha como dar uma volta com a irmã Severina.

Geralmente, eu batia perna com ela quando a gente tavaem Campina Grande. Por várias vezes, a gente caminhava de braços dados e batíamos um papo no Parque da Criança. Achei que irmã Severina tinha vindo me levar pra algum sítio ou fazenda, então aceitei na hora sem arroteio.

Enquanto tavamos caminhando, notei, para meu espanto, que ainda tava de manhã. A cidade tava cheia de gente e tinha um vuco-vuco nas ruas. Fiquei logo acanhada, achando que aquela não era hora de mulher bater perna, mas não vi um homem sequer.

Algumas mulheres que passaram soltaram piada comigo. Mesmo não entendendo o que elas diziam, tinha certeza de que tavam mangando de mim.

— O que elas falaram? — Perguntei pra Severina.

— Que tu parece “acabranhada”.



O Sonho de Solange



— “Acabranhada”? O que é isso?

— Significa que tu é acanhada que nem um cabra.

— Acanhada que nem um homem? Só podia mesmo ser piada. Fiquei distrenada, quando percebi que não tava na companhia de Severina, mas de uma estranha. Que besta que eu fui confundindo essa moça com minha amiga Severina.

Ela percebeu eu me tremendo mais que vara verde, já que tavamos andando de braços dados.

— O que tu tem, mulher? — Perguntou Severina, calmamente.

— Tô um pouco sem graça. Respondi, em tom de desculpa. —Sou dona de casa, não tôacostumada a ficar batendo perna por aí.

— Tu não precisa ficar com medo de aparecer um homem aqui. Tu tá em Maria Bonita, uma cidade livre de pecado e perigo. A Virtude Feminina reina aqui.

Aos poucos, comecei a pegar gosto do lugar. Realmente, tudo era muito maravilhoso, tanto que confundi a grama com veludo. Senti que tava andando num tapete aveludado. Olhei pra baixo e vi que o chão era coberto por musgos e flores.

— Como isso é bom! — Falei.

—Gostasse? — Irmã Severina me perguntou. (Eu continuava chamando ela de "Irmã Severina"; e ela continuou a me chamar de Solange).

— Oxe, gostei demais, mas tô com pena de pisar nessas flores tão delicadas.

— Se aperreie não, tu não vai machucá-las, são flores silvestres.

— Esse lugar parece um jardim! — Disse, abestalhada. — Vocês têm tanto jeito pra cuidar das flores.

—Teu Sertão se tornaria um jardim melhor do que esse se seus cidadãos quisessem.

— Eles iam achar sem futuro dar tanta atenção pra plantação de flores, enquanto eles têm tanta coisa pra fazer.



O Sonho de Solange



— Eles não poderiam achar desculpa melhor. — Severina disse sorrindo.

Fiquei curiosa pra saber onde os homens tavam. Vi pra mais de cem mulheres enquanto andava por lá, mas não vi homem nenhum.

— Onde é que tã os homens? — Perguntei pra Severina.

— Num canto apropriado, onde eles deveriam tá.

— Oxente! Que canto apropriado é esse?

— Oxe, me desculpe! Tu não conhece os costumes da gente, já que tu nunca teve aqui antes. Nós deixamos os homens dentro de casa.

— Que nem as mulheres ficam?

— Desse mesmo modelo.

— Oxe! Que resenha. — Comecei a mangar. Irmã Severina também.

— Mas Solange mulher, tu sabe que é injusto prender as mulheres inofensivas e soltar os homens.

— Por quê? A rua não é segura pra nós, já que somos o sexo frágil.

— Sim, a rua só não é segura enquanto tiver homem solto. Eles são que nem animais selvagens.

— Com certeza!

— Se alguns abilolados fugissem do hospício e começassem a fazer todo tipo de ruindade a homem, cavalos e outros bichos, nesse caso, o que seus homens fariam?

— Eles tentariam capturar esses cabras e colocar de volta no hospício.

— Pronto! E tu acha certo manter gente ajuizada dentro do hospício e soltar os abilolados?

— Oxente! Tá repreendido! — Disse rindo.





O Sonho de Solange



— Na verdade, isso acontece no teu mundo. Os homens, que são capazes de fazer alguma ruindade, ficam soltos, enquanto as mulheres ficam encalacradas em casa. Como tu pode confiar nesses cabras abestalhados que tão soltos por aí?

— A gente não tem voz nem vontade na administração das nossas questões sociais. No Sertão, os homens é que mandam, eles tomam todos os poderes e privilégios e calam as mulheres em casa.

— Oxe! Por que vocês se deixam ser caladas?

— Porque os homens são mais fortes que a gente.

— O boi é mais forte que o homem, mas isso não o permite dominar os humanos. Vocês se esqueceram do dever consigo mesmas e perderam seus direitos naturais ao fecharam os olhos pra o que vocês realmente querem.

— Mas, irmã Severina, se a gente fizer tudo sozinhas, o que os homens vão fazer?

— Eles não devem fazer nada, quer dizer; eles não prestam pra nada. Apenas bote eles em casa.

— Mas tu acha que seria fácil botar eles dentro de quatro paredes? Falei —E se isso fosse feito, todos os seus negócios (políticos e comerciais) também iriam pra dentro de casa com eles?

Irmã Severina não respondeu; ela só riu. Talvez ela achasse sem futuro discutir com alguém que tá mais perdida do que azeitona na boca de banguelo.

A essa altura chegamos à casa de irmã Severina. A casa ficava num belo jardim em forma de coração. Era um bangalô com telhado de ferro ondulado. A casa era mais colorida e mais arretada que qualquer casa de rico do nosso mundo. Não consigo descrever como era organizada, bem mobiliada e de bom gosto a decoração.

Sentamos uma do lado da outra. Severina pegou um pedaço de bordado e começou a trabalhar nele.

— Vocês sabem tricotar?



O Sonho de Solange



— Sim, não temos nenhuma outra distração em casa.

— A gente nem pode dar bordados aos homens! — Ela disse mangando. — Já que os eles não têm paciência suficiente nem pra passar o fio no buraco de uma agulha!

— Tu fizesseisso tudo sozinha? — Perguntei pra Severina apontando pras várias peças bordadas.

— Sim.

— Como tu tem tempo pra fazer isso tudo? Tu não tem que fazer seu trabalho também? Né não?

— Sim, mas não fico na labuta o dia inteiro. Eu termino meu trabalho em duas horas.

— Tá danado! Em duas horas!?! Como tu administra as coisas? Na minha terra os funcionários (juízes, por exemplo) trabalham oito horas por dia.

— Eu já vi os homens trabalhando. Tu acha que eles trabalham isso tudo?

— Acho que sim!

— Não, mulher, eles não trabalham, eles ficam remanchando e gastando o tempo fumando. Alguns fumam dois ou três cigarros durante o serviço. Eles falam demais, e fazem de menos. Supondo que um cigarro leve cerca de meia pra queimar e se um cabra fuma doze cigarros por dia, desse jeito, todo dia ele gasta seis horas só fumando.

Nós conversamos sobre muitas coisas e percebi que lá ninguém tinha nenhum tipo de doença epidêmica, nem eram picados por algum mosquito, como é o nosso caso. Fiquei espantada em saber que em Maria Bonita ninguém morria jovem, exceto em algum raro acidente.

— Tu quer ver nossa cozinha? — Ela me perguntou.

— Com certeza! — Disse e fomos ver a cozinha. Claro que os homens foram ordenados a saírem de lá quando eu tava indo. A cozinha ficava perto de um canteiro. Cada rama, cada tomate era um verdadeiro ornamento. Não vi nenhuma fumaça e nem sinal de





O Sonho de Solange



chaminé na cozinha. Tavatudo um brinco e as janelas eram decoradas com flores de jardim. Não tinha nem sinal de carvão ou fogo.

— Como é que vocês cozinham? — Perguntei.

— Com energia solar. — Severina disse. No mesmo instante, ela me mostrou um tubo onde ficava acumulado o calor e a energia do Sol. Severina cozinhou alguma coisa e mostrou como funcionava o processo.

— Oxente! Como vocês guardam o calor do Sol? — Perguntei, bestinha.

— Deixa eu te contar uma história. Há trinta anos, quando nossa Rainha tinha treze anos, ela herdou o trono. Ela só era Rainha no nome, o primeiro ministro é quem governava o país.

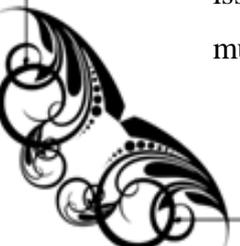
Nossa bondosa rainha gostava muito de ciência, então, ela aprovou uma lei que toda mulher na cidade deveria ser escolarizada. Assim, escolas pra mulheres foram fundadas e apoiadas pelo governo. A educação foi se espalhando entre as mulheres. E o casamento infantil também parou. Nenhuma mulher devia se casar antes dos 18 anos. Confesso que, antes disso mudar, a gente vivia um regime bem machista.

— Menina, como o jogo virou! — Disse rindo.

— Mas mulher, a segregação era a mesma. — Ela disse. — Em pouco tempo a gente tinha universidades sem homem nenhum.

Onde nossa Rainha mora, a capital, tem duas universidades. Numa delas, inventaram um maravilhoso balão e anexaram vários tubos. Por meio desse balão, que conseguiram manter flutuando nas nuvens, podiam extrair tanta água da atmosfera quanto quisessem. Como a água era incessantemente tirada pelas universitárias, não havia mais preocupação com o problema de falta d'água. Dessa forma a Reitora resolveu o problema da estiagem.

— Menina, é mesmo? Agora tô entendendo porque tem tanto verde por aqui. — Eu disse. Só não entendia como era possível juntar água em tubos. Severina me explicou como isso era feito, mas eu não conseguia entender o que ela dizia, já que não tinha muito conhecimento científico. De todo jeito, ela continuou.





O Sonho de Solange



— Quando a outra universidade descobriu isso, se enciumou e tentou fazer algo mais extraordinário ainda. Inventaram um instrumento que podia coletar o quanto quisessem de luz do Sol, e mantiveram o calor armazenado para ser distribuído, conforme o necessário. Enquanto as mulheres se dedicavam às pesquisas científicas, os homens só tavam preocupados em aumentar seu poder militar. Menina, quando os homens souberam que as universidades femininas podiam tirar água do céu e luz do sol, eles mangaram da gente e disseram que isso tudo eram "coisas de mulherzinha".

— Oxente! As invenções de vocês são arretadas! Mas me diga uma coisa, como vocês prenderam os homens da sua cidade dentro de casa? Vocês tapearam eles primeiro?

— Não.

— Oxe! Não é possível que eles tenham se entregado de livre e espontânea vontade e se prendido dentro de quatro paredes! Eles devem ter sido dominados.

— E foram!

— Por quem, hein mulher? Por algumas cangaceiras?

— Não, não foi pela força.

— E nem poderia. Os homens são mais fortes que as mulheres. Então foi com quê?

— Com o cérebro.

— Mulher, até os cérebros dos homens são maiores e mais pesados que das mulheres. Né não?

— E o que que tem? Um burro também tem um cérebro maior e mais pesado do que do homem. Mesmo assim os homens conseguem dominar eles e fazer o que quiserem.

— É verdade. Mulher, me conta como foi que tudo aconteceu. Tô doidinha pra saber.

— Os cérebros das mulheres são mais ligeiros do que o dos homens. Há dez anos, quando os militares apelidaram nossas descobertas científicas de "coisas de mulherzinha", algumas moças nossas quiseram responder. Mas as duas diretoras não deixaram, disseram



que elas não deveriam dar uma resposta por palavras, mas sim por atitude, assim que tivessem a oportunidade. E nem tiveram que esperar muito por essa oportunidade.

— Menina! Agora são os cabras da peste que tão fazendo “coisas de mulherzinha”.

— Depois disso, veio gente de fora se abrigar em nossa cidade. Era gente com problemas por terem cometido alguma atrocidade política. O rei, que mais se importava com poder do que com um bom governo, pediu a nossa Rainha arretada que entregasse eles aos seus oficiais. Ela bateu o pé, pois era contra o seu princípio expulsar os refugiados. Por causa disso, o rei declarou guerra contra nossa cidade.

Nossos militares se levantaram imediatamente e marcharam de encontro ao inimigo, mas ele era bem mais forte. Nossos soldados lutaram bravamente, não duvido. Mas, mesmo com essa bravura, o exército inimigo avançou passo a passo pra invadir nossa cidade.

Quase todos os homens saíram para lutar; até mesmo os meninos de dezesseis anos. A maioria de nossos guerreiros foram mortos, o restante recuou e o inimigo chegou a quarenta quilômetros da capital.

Uma assembleia formada por algumas mulheres foi realizada no palácio da Rainha pra aconselhar sobre o que deveria ser feito para salvar a terra. Algumas propuseram lutar como soldadas; outras se negaram e disseram que as mulheres não eram treinadas para lutar com espadas, armas ou qualquer equipamento. Uma terceira comentou, lamentavelmente, que elas eram fracas quando se tratava de força física.

—Se você não pode salvar sua terra por falta de força física - disse a Rainha— tentem com o poder do cérebro.

Houve um silêncio da peste por alguns minutos. Sua Alteza Real disse novamente:

—Eu terei que cometer suicídio se perder minha terra e honra.

—Então, a Reitora da segunda universidade (que tinha coletado o calor do sol), que matutou silenciosamente durante a assembleia, viu que elas tavampraticamente perdidas, e restava pouca esperança pra elas. Mas, tinha um plano que ela gostaria de tentar, e esse seria seu primeiro e último esforço; se ela falhasse nisso, não havia mais nada a fazer, a não ser



cometer suicídio. Todas as presentes juraram solenemente que nunca se permitiriam ser escravizadas, não importa o que acontecesse.

A Rainha agradeceu cordialmente e pediu à Reitora que tentasse seu plano. A Reitora se levantou novamente e disse: "antes de sairmos, os homens devem entrar em casa. Eu peço isso em nome de Nossa Senhora.

No dia seguinte, a Rainha pediu que todos os homens fossem pra casa em nome da honra e da liberdade. Feridos e cansados como tavam, eles receberam essa proposta de bom grado! Eles foram pra casa sem dizer um pio em protesto; eles tinham certeza de que não havia esperança para essa cidade.

Então, a Reitora, com suas duas mil estudantes, marchou para o campo de batalha e, chegando ali, dirigiu todos os raios de luz e calor solar concentrados escaldantes em direção do inimigo.

A luz e o calor eram demais para suportarem. Todos arribaram daqui tremendo nas bases, tudo atarefado sem saber como contra-atacar aquele calor dos infernos. Quando bateram em retirada, suas armas e outras munições de guerra foram torradas pelo calor. Desde então, ninguém tentou invadir nosso território novamente.

— E, até agora, os homens não tentaram sair de lá?

— Sim, eles queriam liberdade. Alguns dos comissários de polícia e magistrados distritais mandaram avisar à Rainha que os militares certamente mereciam ser presos por seu fracasso, mas eles nunca negligenciaram seus deveres e, portanto, não deveriam ser punidos e rezavam pra serem restaurados em seus respectivos cargos.

Sua Alteza Real mandou uma carta circular pra eles dizendo que, se os seus serviços fossem necessários, eles seriam enviados, e que, enquanto isso, deveriam permanecer onde tavam. Mas, agora que tavamtão acostumados ao sistema doméstico e deixaram de reclamar de sua reclusão, chamamos o sistema de "Cabraméstico" em vez de "Doméstico".

—Mas como vocês conseguem lidar — perguntei a Severina — com casos de morte ou roubo sem policiais ou juízes?

O Sonho de Solange

—Desde que o sistema "Cabraméstico" foi estabelecido, não houve mais crime ou pecado; portanto, não precisamos de policiais para achar criminosos, nem de juízes para julgar casos.

— Mulher, que coisa boa! Acho que, se tivesse alguma pessoa desonesta, vocês castigariam ela sem dificuldade. Como tiveram uma vitória decisiva sem derramar uma gota de sangue, vocês conseguiram acabar com o crime sem muito esforço!

— Solange, agora, tu quer ficar aqui sentada ou prefere voltar pra sala? —Ela me perguntou.

—Sua cozinha não perde nem pra da Rainha! — Eu respondi com um sorriso agradável—, mas devemos ir agora. Acho que os cabras já devem tá jogando praga por estarmos os empaando de seus serviços na cozinha. — Nós soltamos uma gaitada.

— Tô imaginando a felicidade das minhas amigas quando souberem que, em Maria Bonita, a mulherada é quem manda em tudo, enquanto a macharada fica em casa de babá, cozinhando e fazendo todo o serviço doméstico. Além disso, cozinhar é algo tão fácil, que se torna prazeroso!

— Apois conte tudo que tu viu aqui pra elas.

— Por favor, me conte como vocês cultivam a terra e como vocês fazem outros serviços pesados.

— Nossa terra é cultivada com eletricidade, que também fornece energia motriz para outros trabalhos pesados, e também usamos essa energia em transportes aéreos. Não temos nenhuma ferrovia, nem rodovia. Então, não ocorre nenhum acidente desse tipo por aqui. — Disse ela.

— Vocês não têm problemas com a falta de chuva? —Perguntei.

—Não temos mais esse problema desde que o "balão d'água" foi instalado. Tu tá vendo aquele balão com alguns canos conectados? Com ele, conseguimos drenar a quantidade de água de chuva que a gente precisa. Não temos mais problemas com os efeitos da seca. E como temos muito ocupadas fazendo a natureza nos dar os recursos que precisamos, a gente não tem tempo pra discutir com quem não dão dá um prego numa barra de sabão. Nossa



O Sonho de Solange



Rainha é extremamente apaixonada por botânica; ela quer transformar o Sertão inteiro num jardim botânico.

—Gostei da ideia! Qual é o principal alimento daqui?

—Frutas.

—Como vocês conseguem manter a temperatura amena? A gente vê a chuva de verão como um presente de Deus.

—Quando o calor fica insuportável, molhamos o chão com uma boa quantidade de água tirada de fontes artificiais.

Ela me mostrou seu banheiro com um teto móvel. Ela poderia tomar um banho sempre que quisesse; bastava retirar o teto, parecido com a tampa de uma caixa, e ligar o chuveiro.

—Oh povo de sorte! — Falei — Qual é a religião de vocês?

—Nossa religião é baseada no Amor e na Verdade. É nosso dever religioso amar uns aos outros e ser absolutamente sinceros. Se alguma pessoa mentir, ela ou ele é...

—Punido com morte?

—Não, não com a morte. Não temos prazer em matar uma criatura de Deus, especialmente um ser humano. O mentiroso é convidado a se retirar dessa terra para sempre e nunca mais voltar.

—Um criminoso nunca é perdoado?

—Sim, se a pessoa se arrepender de verdade.

—Vocês não têm permissão para ver nenhum homem, exceto seus próprios familiares?

—Nenhum, exceto relações sagradas.

—Nosso círculo de relações sagradas é muito limitado, primos de primeiro grau não são sagrados.



O Sonho de Solange



—Mas o nosso é muito grande; um primo distante é tão sagrado quanto um irmão.

—Menina, isso é muito bom. Eu vejo a própria pureza reinar sobre sua terra. Eu gostaria de ver a Rainha que fez todas essas regras.

—Só se for agora — disse Severina.

Então, ela colocou alguns assentos em um pedaço de tábua. Nessa tábua, ela juntou duas bolas lisas e bem polidas. Quando perguntei a ela o que eram, ela disse que eram bolas de hidrogênio, usadas para superar a força da gravidade. As bolas eram de diferentes capacidades para serem usadas de acordo com as diferentes alturas. Ela então prendeu no carro-voador duas lâminas semelhantes a asas, que, segundo ela, eram movidas a eletricidade. Depois que tãvamos sentadas confortavelmente, ela apertou um botão e as lâminas começaram a girar, se movendo cada vez mais rápido. No começo nós fomos levantadas à altura de aproximadamente uns dois metros e entãovoamos. E antes que eu pudesse perceber que havíamos começado a nos mover, chegamos ao jardim da rainha.

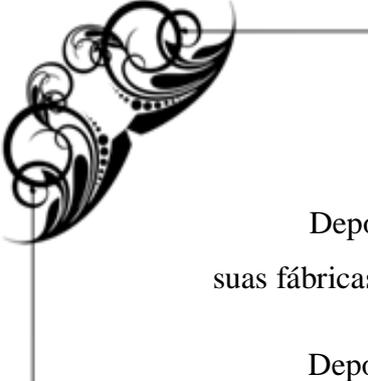
Severina abaixou o carro-voador invertendo a força da máquina e, quando o carro tocou o chão, a máquina parou e saímos.

Eu tinha visto, do carro-voador, a rainha andando pelo jardim com sua filhinha de quatro anos e suasconselheiras.

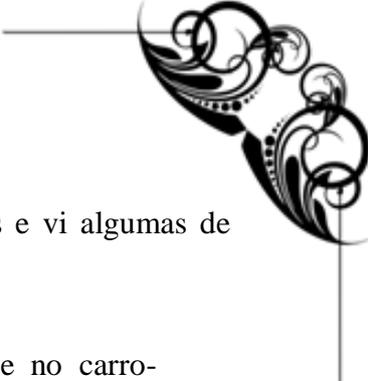
— Olá! Tu por aqui? Gritou a Rainha se dirigindo a Severina.

Fui apresentada à Rainha e recebida cordialmente por ela sem qualquer cerimônia.

Fiquei muito feliz em conhecê-la. No curso da conversa que tive com ela, a rainha me disse que não tinha objeção a permitir que suas súditas negociassem com outras cidades. “Mas” —continuou ela — nenhum comércio era possível com cidades onde as mulheres eram mantidas em casas e, portanto, incapazes de vir e negociar conosco. Acreditamos que os homens possuem valores morais baixos. Então não gostamos de lidar com eles. Não cobiçamos o território de outras pessoas; não brigamos pela grama do vizinho, embora possa ser mil vezes mais verde que a floresta amazônica. Vamos bem fundo no oceano do conhecimento e tentamos achar as joiasmais preciosas que a natureza nos reserva. Aproveitamos ao máximo os presentes que a natureza nos dá.



O Sonho de Solange

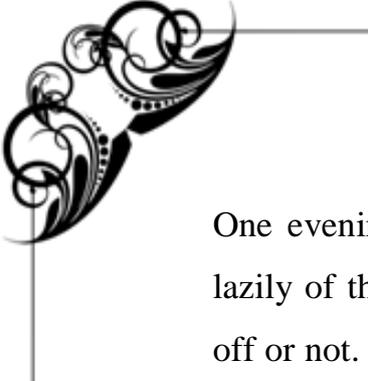


Depois de me despedir da rainha, visitei as famosas universidades e vi algumas de suas fábricas, laboratórios e observatórios.

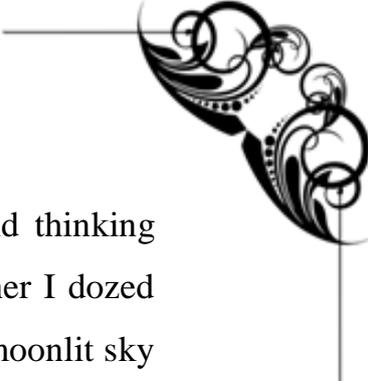
Depois de visitar estes lugares interessantes, entramos novamente no carrovoador, mas assim que ele começou a se mover, eu, de alguma forma, escorreguei e a queda me acordou do meu sonho. Abri os olhos e me dei conta de que tava no meu quarto, ainda deitada em minha rede!

Sultana's dream

Textofonte



O Sonho de Solange



One evening I was lounging in an easy chair in my bedroom and thinking lazily of the condition of Indian womanhood. I am not sure whether I dozed off or not. But, as far as I remember, I was wide awake. I saw the moonlit sky sparkling with thousands of diamond-like stars, very distinctly.

All on a sudden a lady stood before me; how she came in, I do not know. I took her for my friend, Sister Sara.

'Good morning,' said Sister Sara. I smiled inwardly as I knew it was not morning, but starry night. However, I replied to her, saying, 'How do you do?'

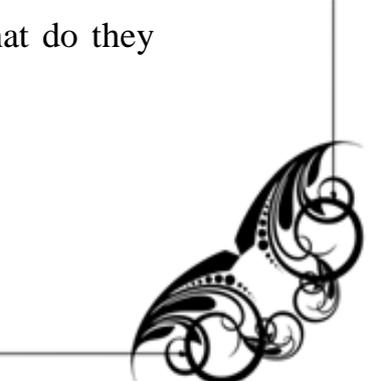
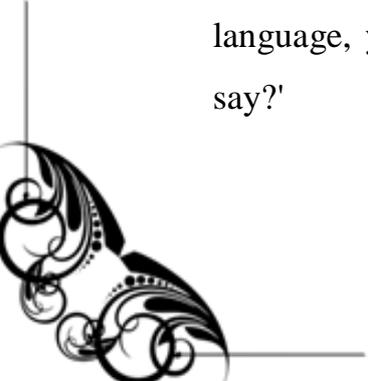
'I am all right, thank you. Will you please come out and have a look at our garden?'

I looked again at the moon through the open window, and thought there was no harm in going out at that time. The men-servants outside were fast asleep just then, and I could have a pleasant walk with Sister Sara.

I used to have my walks with Sister Sara, when we were at Darjeeling. Many a time did we walk hand in hand and talk light-heartedly in the botanical gardens there. I fancied, Sister Sara had probably come to take me to some such garden and I readily accepted her offer and went out with her.

When walking I found to my surprise that it was a fine morning. The town was fully awake and the streets alive with bustling crowds. I was feeling very shy, thinking I was walking in the street in broad daylight, but there was not a single man visible.

Some of the passers-by made jokes at me. Though I could not understand their language, yet I felt sure they were joking. I asked my friend, 'What do they say?'



'The women say that you look very mannish.'

'Mannish?' said I, 'What do they mean by that?'

'They mean that you are shy and timid like men.'

'Shy and timid like men?' It was really a joke. I became very nervous, when I found that my companion was not Sister Sara, but a stranger. Oh, what a fool had I been to mistake this lady for my dear old friend, Sister Sara.

She felt my fingers tremble in her hand, as we were walking hand in hand.

'What is the matter, dear?' she said affectionately. 'I feel somewhat awkward,' I said in a rather apologizing tone, 'as being a purdahnishin woman I am not accustomed to walking about unveiled.'

'You need not be afraid of coming across a man here. This is Ladyland, free from sin and harm. Virtue herself reigns here.'

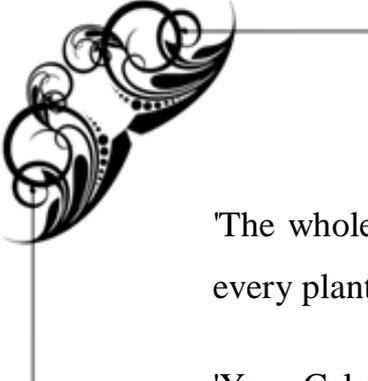
By and by I was enjoying the scenery. Really it was very grand. I mistook a patch of green grass for a velvet cushion. Feeling as if I were walking on a soft carpet, I looked down and found the path covered with moss and flowers.

'How nice it is,' said I.

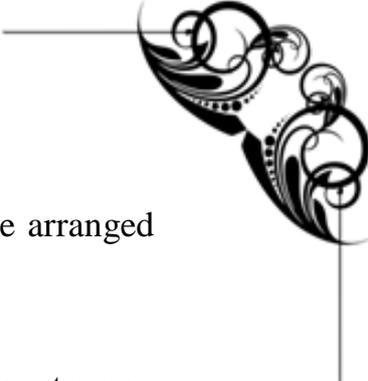
'Do you like it?' asked Sister Sara. (I continued calling her 'Sister Sara,' and she kept calling me by my name).

'Yes, very much; but I do not like to tread on the tender and sweet flowers.'

'Never mind, dear Sultana; your treading will not harm them; they are street flowers.'



O Sonho de Solange



'The whole place looks like a garden,' said I admiringly. 'You have arranged every plant so skillfully.'

'Your Calcutta could become a nicer garden than this if only your countrymen wanted to make it so.'

'They would think it useless to give so much attention to horticulture, while they have so many other things to do.'

'They could not find a better excuse,' said she with smile.

I became very curious to know where the men were. I met more than a hundred women while walking there, but not a single man.

'Where are the men?' I asked her.

'In their proper places, where they ought to be.'

'Pray let me know what you mean by "their proper places".'

'O, I see my mistake, you cannot know our customs, as you were never here before. We shut our men indoors.'

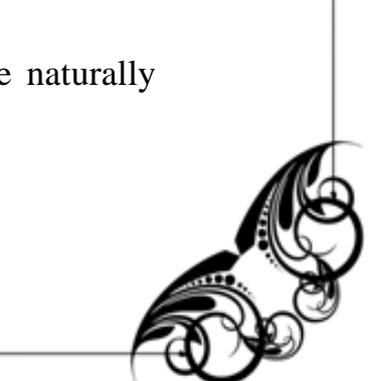
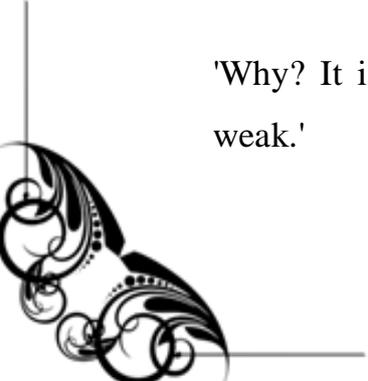
'Just as we are kept in the zenana?'

'Exactly so.'

'How funny,' I burst into a laugh. Sister Sara laughed too.

'But dear Sultana, how unfair it is to shut in the harmless women and let loose the men.'

'Why? It is not safe for us to come out of the zenana, as we are naturally weak.'



'Yes, it is not safe so long as there are men about the streets, nor is it so when a wild animal enters a marketplace.'

'Of course not.'

'Suppose, some lunatics escape from the asylum and begin to do all sorts of mischief to men, horses and other creatures; in that case what will your countrymen do?'

'They will try to capture them and put them back into their asylum.'

'Thank you! And you do not think it wise to keep sane people inside an asylum and let loose the insane?'

'Of course not!' said I laughing lightly.

'As a matter of fact, in your country this very thing is done! Men, who do or at least are capable of doing no end of mischief, are let loose and the innocent women, shut up in the zenana! How can you trust those untrained men out of doors?'

'We have no hand or voice in the management of our social affairs. In India man is lord and master, he has taken to himself all powers and privileges and shut up the women in the zenana.'

'Why do you allow yourselves to be shut up?'

'Because it cannot be helped as they are stronger than women.'

'A lion is stronger than a man, but it does not enable him to dominate the human race. You have neglected the duty you owe to yourselves and you have lost your natural rights by shutting your eyes to your own interests.'

'But my dear Sister Sara, if we do everything by ourselves, what will the men do then?'

'They should not do anything, excuse me; they are fit for nothing. Only catch them and put them into the zenana.'

'But would it be very easy to catch and put them inside the four walls?' said I. 'And even if this were done, would all their business – political and commercial – also go with them into the zenana?'

Sister Sara made no reply. She only smiled sweetly. Perhaps she thought it useless to argue with one who was no better than a frog in a well.

By this time we reached Sister Sara's house. It was situated in a beautiful heart-shaped garden. It was a bungalow with a corrugated iron roof. It was cooler and nicer than any of our rich buildings. I cannot describe how neat and how nicely furnished and how tastefully decorated it was.

We sat side by side. She brought out of the parlour a piece of embroidery work and began putting on a fresh design.

'Do you know knitting and needle work?'

'Yes; we have nothing else to do in our zenana.'

'But we do not trust our zenana members with embroidery!' she said laughing, 'as a man has not patience enough to pass thread through a needlehole even!'

'Have you done all this work yourself?' I asked her pointing to the various pieces of embroidered teapoy cloths.

'Yes.'

'How can you find time to do all these? You have to do the office work as well? Have you not?'

'Yes. I do not stick to the laboratory all day long. I finish my work in two hours.'

'In two hours! How do you manage? In our land the officers, – magistrates, for instance – work seven hours daily.'

'I have seen some of them doing their work. Do you think they work all the seven hours?'

'Certainly they do!'

'No, dear Sultana, they do not. They dawdle away their time in smoking. Some smoke two or three choroots during the office time. They talk much about their work, but do little. Suppose one choroot takes half an hour to burn off, and a man smokes twelve choroots daily; then you see, he wastes six hours every day in sheer smoking.'

We talked on various subjects, and I learned that they were not subject to any kind of epidemic disease, nor did they suffer from mosquito bites as we do. I was very much astonished to hear that in Ladyland no one died in youth except by rare accident.

'Will you care to see our kitchen?' she asked me.

'With pleasure,' said I, and we went to see it. Of course the men had been asked to clear off when I was going there. The kitchen was situated in a beautiful vegetable garden. Every creeper, every tomato plant was itself an ornament. I found no smoke, nor any chimney either in the kitchen -- it was



clean and bright; the windows were decorated with flower gardens. There was no sign of coal or fire.

'How do you cook?' I asked.

'With solar heat,' she said, at the same time showing me the pipe, through which passed the concentrated sunlight and heat. And she cooked something then and there to show me the process.

'How did you manage to gather and store up the sun-heat?' I asked her in amazement.

'Let me tell you a little of our past history then. Thirty years ago, when our present Queen was thirteen years old, she inherited the throne. She was Queen in name only, the Prime Minister really ruling the country.

'Our good Queen liked science very much. She circulated an order that all the women in her country should be educated. Accordingly a number of girls' schools were founded and supported by the government. Education was spread far and wide among women. And early marriage also was stopped. No woman was to be allowed to marry before she was twenty-one. I must tell you that, before this change we had been kept in strict purdah.'

'How the tables are turned,' I interposed with a laugh.

'But the seclusion is the same,' she said. 'In a few years we had separate universities, where no men were admitted.'

'In the capital, where our Queen lives, there are two universities. One of these invented a wonderful balloon, to which they attached a number of pipes. By means of this captive balloon which they managed to keep afloat above the cloud-land, they could draw as much water from the atmosphere as they

pleased. As the water was incessantly being drawn by the university people no cloud gathered and the ingenious Lady Principal stopped rain and storms thereby.'

'Really! Now I understand why there is no mud here!' said I. But I could not understand how it was possible to accumulate water in the pipes. She explained to me how it was done, but I was unable to understand her, as my scientific knowledge was very limited. However, she went on, 'When the other university came to know of this, they became exceedingly jealous and tried to do something more extraordinary still. They invented an instrument by which they could collect as much sun-heat as they wanted. And they kept the heat stored up to be distributed among others as required.'

'While the women were engaged in scientific research, the men of this country were busy increasing their military power. When they came to know that the female universities were able to draw water from the atmosphere and collect heat from the sun, they only laughed at the members of the universities and called the whole thing "a sentimental nightmare"!'.

'Your achievements are very wonderful indeed! But tell me, how you managed to put the men of your country into the zenana. Did you entrap them first?'

'No.'

'It is not likely that they would surrender their free and open air life of their own accord and confine themselves within the four walls of the zenana! They must have been overpowered.'

'Yes, they have been!'

'By whom? By some lady-warriors, I suppose?'

'No, not by arms.'

'Yes, it cannot be so. Men's arms are stronger than women's. Then?'

'By brain.'

'Even their brains are bigger and heavier than women's. Are they not?'

'Yes, but what of that? An elephant also has got a bigger and heavier brain than a man has. Yet man can enchain elephants and employ them, according to their own wishes.'

'Well said, but tell me please, how it all actually happened. I am dying to know it!'

'Women's brains are somewhat quicker than men's. Ten years ago, when the military officers called our scientific discoveries "a sentimental nightmare," some of the young ladies wanted to say something in reply to those remarks. But both the Lady Principals restrained them and said, they should reply not by word, but by deed, if ever they got the opportunity. And they had not long to wait for that opportunity.'

'How marvelous!' I heartily clapped my hands. 'And now the proud gentlemen are dreaming sentimental dreams themselves.'

'Soon afterwards certain persons came from a neighbouring country and took shelter in ours. They were in trouble having committed some political offense. The king who cared more for power than for good government asked our kind-hearted Queen to hand them over to his officers. She refused, as it was against her principle to turn out refugees. For this refusal the king declared war against our country.'



O Sonho de Solange



'Our military officers sprang to their feet at once and marched out to meet the enemy. The enemy however, was too strong for them. Our soldiers fought bravely, no doubt. But in spite of all their bravery the foreign army advanced step by step to invade our country.

'Nearly all the men had gone out to fight; even a boy of sixteen was not left home. Most of our warriors were killed, the rest driven back and the enemy came within twenty-five miles of the capital.

'A meeting of a number of wise ladies was held at the Queen's palace to advise as to what should be done to save the land. Some proposed to fight like soldiers; others objected and said that women were not trained to fight with swords and guns, nor were they accustomed to fighting with any weapons. A third party regretfully remarked that they were hopelessly weak of body.

"If you cannot save your country for lack of physical strength," said the Queen, "try to do so by brain power."

'There was a dead silence for a few minutes. Her Royal Highness said again, "I must commit suicide if the land and my honour are lost."

'Then the Lady Principal of the second university (who had collected sun-heat), who had been silently thinking during the consultation, remarked that they were all but lost, and there was little hope left for them. There was, however, one plan which she would like to try, and this would be her first and last efforts; if she failed in this, there would be nothing left but to commit suicide. All present solemnly vowed that they would never allow themselves to be enslaved, no matter what happened.

'The Queen thanked them heartily, and asked the Lady Principal to try her plan. The Lady Principal rose again and said, "before we go out the men must

enter the zenanas. I make this prayer for the sake of purdah." "Yes, of course," replied Her Royal Highness.

'On the following day the Queen called upon all men to retire into zenanas for the sake of honour and liberty. Wounded and tired as they were, they took that order rather for a boon! They bowed low and entered the zenanas without uttering a single word of protest. They were sure that there was no hope for this country at all.

'Then the Lady Principal with her two thousand students marched to the battle field, and arriving there directed all the rays of the concentrated sunlight and heat towards the enemy.

'The heat and light were too much for them to bear. They all ran away panic-stricken, not knowing in their bewilderment how to counteract that scorching heat. When they fled away leaving their guns and other ammunitions of war, they were burnt down by means of the same sun-heat. Since then no one has tried to invade our country any more.'

'And since then your countrymen never tried to come out of the zenana?'

'Yes, they wanted to be free. Some of the police commissioners and district magistrates sent word to the Queen to the effect that the military officers certainly deserved to be imprisoned for their failure; but they never neglected their duty and therefore they should not be punished and they prayed to be restored to their respective offices.

'Her Royal Highness sent them a circular letter intimating to them that if their services should ever be needed they would be sent for, and that in the meanwhile they should remain where they were. Now that they are accustomed to the purdah system and have ceased to grumble at their seclusion, we call the system "Mardana" instead of "zenana".'

'But how do you manage,' I asked Sister Sara, 'to do without the police or magistrates in case of theft or murder?'

'Since the "Mardana" system has been established, there has been no more crime or sin; therefore we do not require a policeman to find out a culprit, nor do we want a magistrate to try a criminal case.'

'That is very good, indeed. I suppose if there was any dishonest person, you could very easily chastise her. As you gained a decisive victory without shedding a single drop of blood, you could drive off crime and criminals too without much difficulty!'

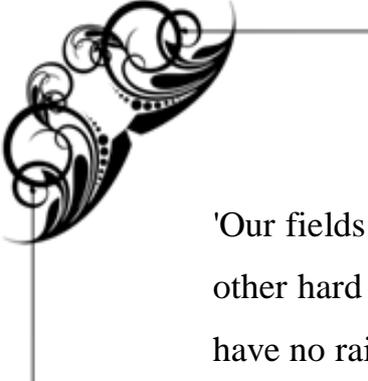
'Now, dear Sultana, will you sit here or come to my parlour?' she asked me.

'Your kitchen is not inferior to a queen's boudoir!' I replied with a pleasant smile, 'but we must leave it now; for the gentlemen may be cursing me for keeping them away from their duties in the kitchen so long.' We both laughed heartily.

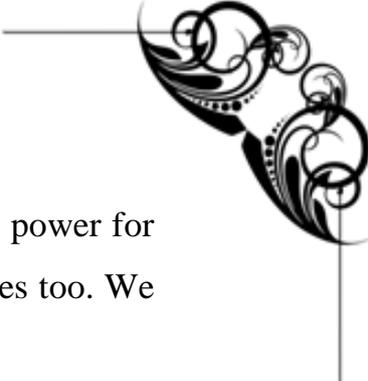
'How my friends at home will be amused and amazed, when I go back and tell them that in the far-off Ladyland, ladies rule over the country and control all social matters, while gentlemen are kept in the Mardanas to mind babies, to cook and to do all sorts of domestic work; and that cooking is so easy a thing that it is simply a pleasure to cook!'

'Yes, tell them about all that you see here.'

'Please let me know, how you carry on land cultivation and how you plough the land and do other hard manual work.'



O Sonho de Solange



'Our fields are tilled by means of electricity, which supplies motive power for other hard work as well, and we employ it for our aerial conveyances too. We have no rail road nor any paved streets here.'

'Therefore neither street nor railway accidents occur here,' said I. 'Do not you ever suffer from want of rainwater?' I asked.

'Never since the "water balloon" has been set up. You see the big balloon and pipes attached thereto. By their aid we can draw as much rainwater as we require. Nor do we ever suffer from flood or thunderstorms. We are all very busy making nature yield as much as she can. We do not find time to quarrel with one another as we never sit idle. Our noble Queen is exceedingly fond of botany; it is her ambition to convert the whole country into one grand garden.'

'The idea is excellent. What is your chief food?'

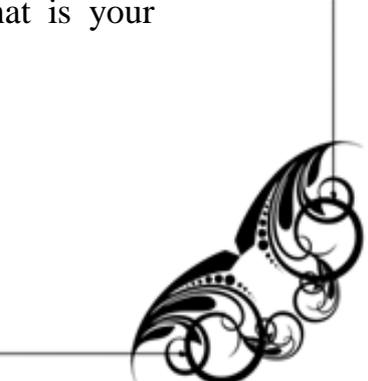
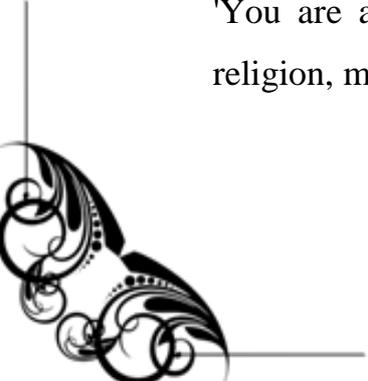
'Fruits.'

'How do you keep your country cool in hot weather? We regard the rainfall in summer as a blessing from heaven.'

'When the heat becomes unbearable, we sprinkle the ground with plentiful showers drawn from the artificial fountains. And in cold weather we keep our room warm with sun-heat.'

She showed me her bathroom, the roof of which was removable. She could enjoy a shower bath whenever she liked, by simply removing the roof (which was like the lid of a box) and turning on the tap of the shower pipe.

'You are a lucky people!' ejaculated I. 'You know no want. What is your religion, may I ask?'



'Our religion is based on Love and Truth. It is our religious duty to love one another and to be absolutely truthful. If any person lies, she or he is....'

'Punished with death?'

'No, not with death. We do not take pleasure in killing a creature of God, especially a human being. The liar is asked to leave this land for good and never to come to it again.'

'Is an offender never forgiven?'

'Yes, if that person repents sincerely.'

'Are you not allowed to see any man, except your own relations?'

'No one except sacred relations.'

'Our circle of sacred relations is very limited; even first cousins are not sacred.'

'But ours is very large; a distant cousin is as sacred as a brother.'

'That is very good. I see purity itself reigns over your land. I should like to see the good Queen, who is so sagacious and far-sighted and who has made all these rules.'

'All right,' said Sister Sara.

Then she screwed a couple of seats onto a square piece of plank. To this plank she attached two smooth and well-polished balls. When I asked her what the balls were for, she said they were hydrogen balls and they were used to overcome the force of gravity. The balls were of different capacities to be used according to the different weights desired to be overcome. She then fastened to the air-car two wing-like blades, which, she said, were worked by

electricity. After we were comfortably seated she touched a knob and the blades began to whirl, moving faster and faster every moment. At first we were raised to the height of about six or seven feet and then off we flew. And before I could realize that we had commenced moving, we reached the garden of the Queen.

My friend lowered the air-car by reversing the action of the machine, and when the car touched the ground the machine was stopped and we got out.

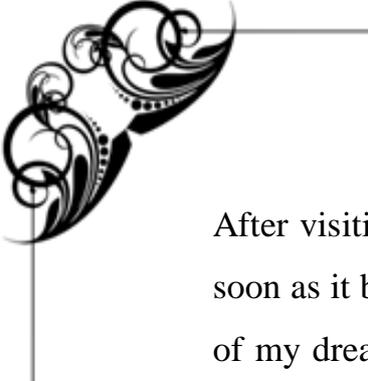
I had seen from the air-car the Queen walking on a garden path with her little daughter (who was four years old) and her maids of honour.

'Halloo! You here!' cried the Queen addressing Sister Sara. I was introduced to Her Royal Highness and was received by her cordially without any ceremony.

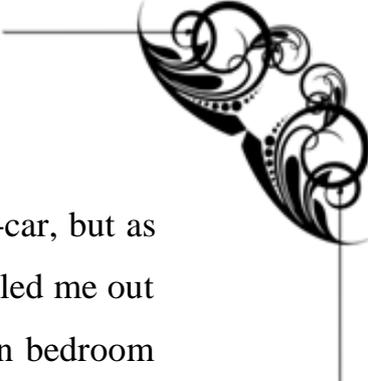
I was very much delighted to make her acquaintance. In the course of the conversation I had with her, the Queen told me that she had no objection to permitting her subjects to trade with other countries. 'But,' she continued, 'no trade was possible with countries where the women were kept in the zenanas and so unable to come and trade with us. Men, we find, are rather of lower morals and so we do not like dealing with them. We do not covet other people's land, we do not fight for a piece of diamond though it may be a thousand-fold brighter than the Koh-i-Noor, nor do we grudge a ruler his Peacock Throne. We dive deep into the ocean of knowledge and try to find out the precious gems, which nature has kept in store for us. We enjoy nature's gifts as much as we can.'

After taking leave of the Queen, I visited the famous universities, and was shown some of their manufactories, laboratories and observatories.





O Sonho de Solange



After visiting the above places of interest we got again into the air-car, but as soon as it began moving, I somehow slipped down and the fall startled me out of my dream. And on opening my eyes, I found myself in my own bedroom still lounging in the easy-chair!

Referências

BERRIEL, C. E. O. Utopia, distopia e história. In: **Editorial da MORUS - Utopia e Renascimento** 2, 2005, p. 4-10.

GALERA, D. **Barba ensopada de sangue**. Ed. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAGANINE, C.; FONSECA, E. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TRADUÇÃO LITERÁRIA. In: **Non Plus**, v. 4, n. 7, p. 67-77, 14 dez. 2015.

SOUSA, F. C.; GOMES, F. W. B. Edgar Allan Poe na TV brasileira: domesticação e estrangeirização na tradução intersemiótica de A Máscara da Morte Rubra. In: **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n.40.1, p. 01-176, 2018.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**. London: Routledge, 1995.

Dicionários

Dicionário do Sertão. Disponível em:

<www.caboclosdosertao.com.br/html/palavriado.htm>. Acessado em: 15 de Março de 2019.

Dicionário Nordestinês. Disponível em:<<https://www.terra.com.br/diversao/dicionario-de-nordestines,f2bd421a2df4a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acessado em: 22 de Março de 2019.

Glossário do Sertão

Nordestino.<<http://sertaodesencantado.blogspot.com/2010/04/glossario-sertanejo.html>>. Acessado em: 6 de Março de 2019.